
A cidade de Mariana pós-desastre: um relato etnográfico

Renato Augusto Passos e Maria da Penha Vasconcellos



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3498>

DOI: 10.4000/pontourbe.3498

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Renato Augusto Passos e Maria da Penha Vasconcellos, « A cidade de Mariana pós-desastre: um relato etnográfico », *Ponto Urbe* [Online], 20 | 2017, posto online no dia 30 junho 2017, consultado o 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3498> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3498

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 Abril 2019.

© NAU

A cidade de Mariana pós-desastre: um relato etnográfico

Renato Augusto Passos e Maria da Penha Vasconcellos

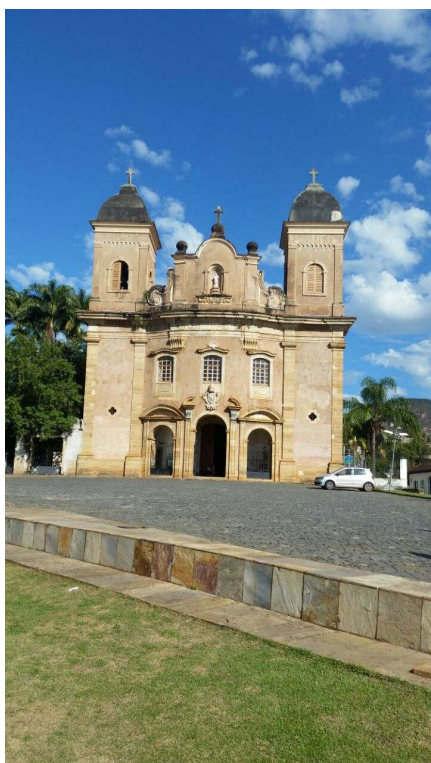
- 1 Este relato etnográfico é resultado de uma incursão etnográfica na cidade de Mariana/MG, por ocasião da tragédia ocorrida no final do ano de 2015. A visita ocorreu entre nos dias 10 e 11/06/2017, para atividade da disciplina de pós-graduação “A dimensão cultural das práticas urbanas”, ministrada pelo Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani.
- 2 O encontro estava marcado a 01h00 na praça da matriz da cidade de São Sebastião do Rio Verde/MG de onde partimos em direção à cidade de Mariana/MG a 01h20, em uma van de turismo com capacidade para 22 pessoas. Eu e mais cinco amigos, com diferentes formações, aproveitamos uma excursão para a histórica Mariana, para visitar e saber mais sobre o estado da cidade após a tragédia ocorrida no final do ano de 2015, em decorrência do rompimento da barragem de Fundão. Alguns trechos da estrada ainda encontravam-se sem pavimentação, aumentando o risco e a duração da viagem. O percurso durou cerca de oito horas, com três paradas ao longo do caminho em postos de gasolina e restaurantes à margem da rodovia para lanches e idas ao sanitário.
- 3 Nenhum de nós conhecia o local, o que criou uma grande expectativa. Quando chegamos, por volta de 9h30, no sábado, a cidade ainda abria algumas bancas de artesanato e pontos turísticos. Os comércios, farmácias, supermercados, açougues etc. já encontravam-se abertos. Seguimos até o mirante da cidade, de onde podíamos ter uma visão ampla do local (Fig. 1).

Figura 1 – Panorâmica da cidade de Mariana vista do mirante local



- 4 Deste ponto, avistava-se toda a cidade de Mariana sem nada demonstrar de diferente de outras localidades mineiras, a não ser pelo número de igrejas a destacar-se dos demais telhados das construções. Seguimos até um ponto turístico ao lado, a igreja de São Pedro dos Clérigos (Fig. 2), uma das três únicas barrocas de Minas, construída em 1731.

Figura 2 – Igreja de São Pedro dos Clérigos, próxima ao mirante da cidade



- 5 Enquanto todos visitavam o interior da igreja, pude conversar com o porteiro, trabalhador e morador local. Segundo relatos deste senhor, já de idade, a cidade de Mariana em nada foi atingida pela tragédia. Os relatos da mídia nacional e internacional

serviram apenas para diminuir o turismo da cidade e fechar a empresa que, para os moradores, gerava empregos e renda. A lama, segundo ele, ficava a mais ou menos 47 km de lá, mas a cidade mesmo, em nada foi prejudicada pelos rejeitos. Enquanto conversávamos, o caderno de esportes aguardava a volta da leitura em cima da pequena mesa onde o caderno de visitas ficava exposto.

- 6 Saindo desta que era a primeira das dezenas de igrejas espalhadas pela cidade, descemos por uma rua de paralelepípedos, observando as residências e moradores em seu cotidiano até a praça das “igrejas gêmeas” (Fig. 3).



Figura 3 – Praça das igrejas gêmeas

- 7 Em frente a estas obras da arquitetura mineira, encontramos a Casa de Câmara e Cadeia de Mariana (Fig. 4), datada com início de sua construção no ano de 1768. Ao visitar este local, encontramos disponível aos visitantes, em uma mesa ao lado da entrada principal, um dos jornais de circulação local distribuído gratuitamente à população e visitantes, chamado “O Espeto” (Fig. 5). Sua reportagem de capa apresentava a seguinte chamada: “Samarco suspende 800 contratos de trabalho”. No decorrer de suas páginas outras reportagens tratavam de assuntos da empresa. Vários visitantes pegavam exemplares do jornal. Alguns guardavam em suas bolsas, enquanto outros devolviam sem maior atenção.

Figura 4 – Casa de Câmara e Cadeia de Mariana, onde o jornal “O Espeto” é distribuído



Figura 5 – Reportagem de capa do jornal “O Espeto”, em sua edição de número 393, da primeira semana de junho de 2017

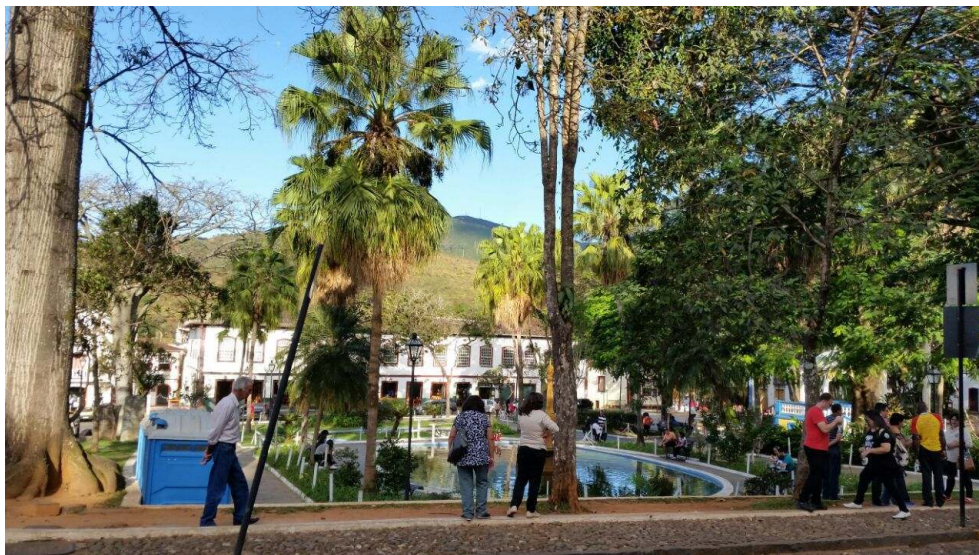




- 8 Neste local, um guia turístico explicava aos visitantes, reunidos em pequenos grupos, a maioria de idosos, a história da cidade e seu monumentos. Após sua explicação, em um momento de descontração do mesmo, pudemos conversar um pouco sobre a atual situação da cidade. Para o profissional, que também é morador local, é um “pecado” o que fizeram com Mariana na mídia. Nada do que mostraram é visto por ali. Nada de tragédia. A cidade só foi prejudicada com o fechamento da empresa, gerando muito desemprego. Segundo ele, centenas de trabalhadores mudaram de estado ou de cidade em busca de trabalho. Para ele, a fundação Renova tem buscado retomar as atividades.

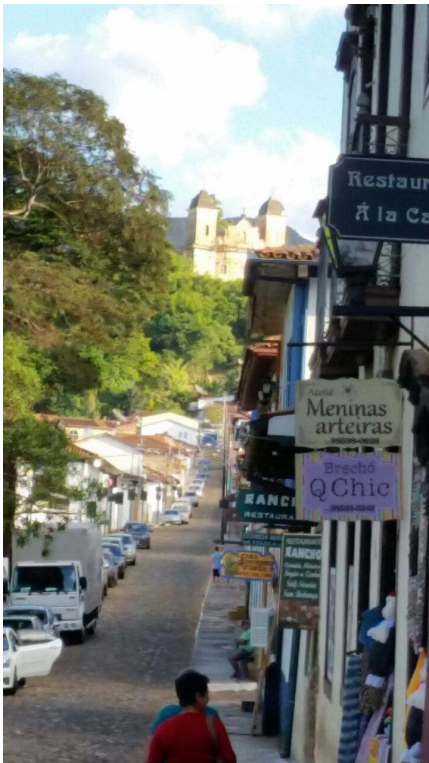
- 9 Acompanhando o fluxo de moradores e turistas, com carros emplacados com as mais diversas cidades e estados do país, seguimos até uma típica praça de cidades do interior (Fig. 6). Arborizada, com um coreto central, um pequeno lago, vendedores ambulantes, crianças brincando e diversas famílias aproveitando o clima agradável e a rotina aparentemente inalterada de uma cidade histórica. O local em nada lembrava as capas de jornal e revistas com fotos da tragédia ocorrida em 2015. Tudo muito diferente do que imaginávamos encontrar. Ali, sentamos para um sorvete, enquanto observávamos a rotina.

Figura 6 – Praça central com seus turistas e moradores locais



- 10 Casas e comércios intercalavam em diferentes formatos arquitetônicos e cores, formando longos e unidos imóveis. Assim como outras cidades turísticas, as lojas de artesanatos estavam presentes por todo local (Fig. 7). As vendas incluíam desde camisetas, bonés, bolsas, ímãs etc. estampados com o nome da cidade, como pinturas e miniaturas de igrejas e casarões, bonecas de pano, entre outras variedades. As ruas estavam sempre ocupadas por carros estacionados e visitantes com seus óculos de sol, garrafas de água, celulares e máquinas fotográficas. Estudantes de ensino fundamental de uma escola pública da Belo Horizonte, organizados em grupos uniformizados e acompanhados por suas professoras visitavam igrejas e lojas, sem grande atenção às orientações recebidas. Grupos menores de escolas de línguas, também uniformizados, porém sem identificação da cidade de origem e acompanhados com guia exclusivo, também conheciam os pontos turísticos.

Figura 7 – Rua de comércio local, com pequenas placas de identificação



- 11 Caminhamos por certo tempo entre as ruas de comércio de artesanatos, descendo rumo aos estabelecimentos comerciais típicos de qualquer outra cidade, um pouco afastada do centro histórico. Nesta parte, percebemos uma igreja em restauração. Diversos outros monumentos arquitetônicos da cidade encontravam-se em processo de deterioração bastante avançado.
- 12 Procurando um local para um lanche, chegamos a uma pequena praça, próxima ao Terminal Turístico Manoel da Costa Atayde, ao lado de dois pontos de ônibus (Fig. 8), onde uma faixa chamava atenção. Fixada na parte de cima de um comércio, local de grande circulação de moradores e principalmente de turistas, no que aparentemente era uma residência familiar, a mensagem exibida era: “A cidade de Mariana é a favor da retomada das atividades da SAMARCO” (Fig.9 e 10). Ao lado da frase, no canto superior direito da faixa, o logotipo da empresa local que apoia a afirmativa foi estampado. Outras empresas locais, aparentemente de médio porte, cartazes menores e menos visíveis também continham frases de apoio à retomada das atividades da empresa Samarco na cidade.

Figura 8 – Ponto de ônibus próximo à faixa de apoio a empresa mineradora. Local de maior concentração de moradores e turistas



Figura 9 – Comércio local, no centro da cidade, com faixa em apoio a empresa mineradora Samarco

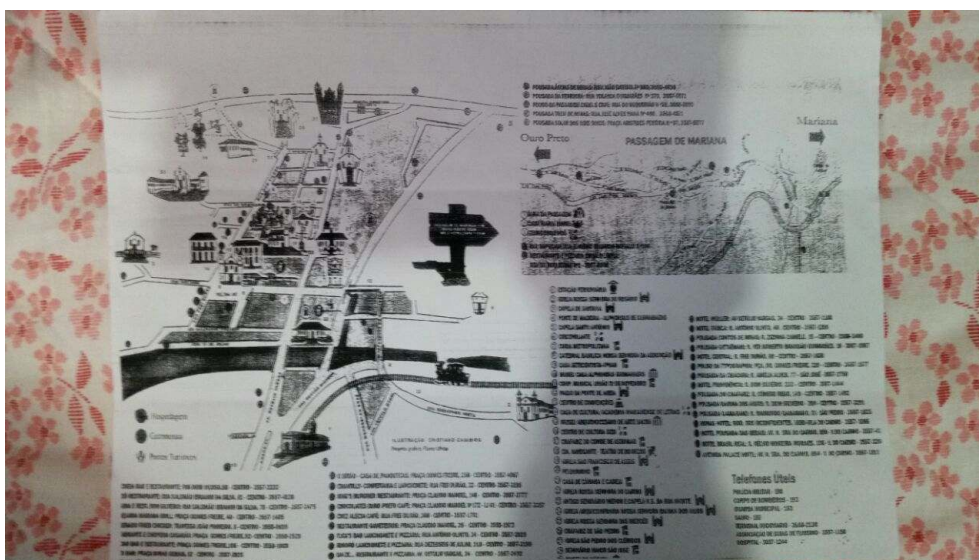


Figura 10 – Mensagem da faixa fixada no comércio



- 13 Ao final do dia, após novas caminhadas pelas ruas da cidade e visitas a pontos turísticos, seguimos para o hotel local. Os moradores, ao notar a presença dos turistas, lidavam de maneira natural, mas a sensação de ser observado é comum a todos nós. Não encontramos moradores em situação de rua pelos locais que passamos.
- 14 No dia seguinte, domingo, ao passar novamente pelo terminal turístico, pedimos material informativo sobre a cidade. O senhor, muito atencioso, informou que não possuía nenhum tipo de material naquele dia. O possível foi ceder um pequeno mapa, xerocado, preto e branco, com os pontos turísticos indicados (Fig. 11). Diferente dos jornais impressos espalhados na cidade, geralmente com referências a notícias vinculadas à empresa Samarco, este mapa da cidade era uma cópia ilegível. Diversos panfletos de hotéis, pousadas e restaurantes estavam disponíveis.

Figura 11 – Mapa da cidade de Mariana distribuído aos turistas no terminal turístico



- 15 Ao sair, percebi um outro jornal local disponível no canto da sala. Após permissão, consegui uma edição. Intitulado Jornal Panfletu's (Fig. 12), a edição disponível era a de número 653, ano 16, do período de 08/06/17 a 15/06/17. A capa não trazia nenhuma referência ao desastre ou à empresa envolvida. No entanto, a página quatro desta edição, em reportagem com pouco destaque, trazia o seguinte assunto: “Comissão de obras públicas e meio ambiente, Secretaria de Meio Ambiente, fundação RENOVA, Samarco Mineração e Vale discutem novo código ambiental”. Também a página cinco desta mesma edição, com texto em página completa, apresentava a reportagem: “STF concede liminar favorável ao município de Santa Bárbara, Samarco pode não voltar esse ano”. A página doze, mais uma vez, discutia assuntos ligados à empresa: “Banco de emprego on-line de Catas Altas será utilizado pelo Sine de Mariana e por empresas como Vale e Samarco”. A página quinze, em destaque, chamava a atenção dos moradores de Mariana com um convite para o conhecimento da minuta da Lei Complementar que visa instituir o código ambiental da cidade.

Figura 12 – Imagens do Jornal Panfletu's distribuído na cidade de Mariana, com reportagens ligadas às empresas Samarco e Vale



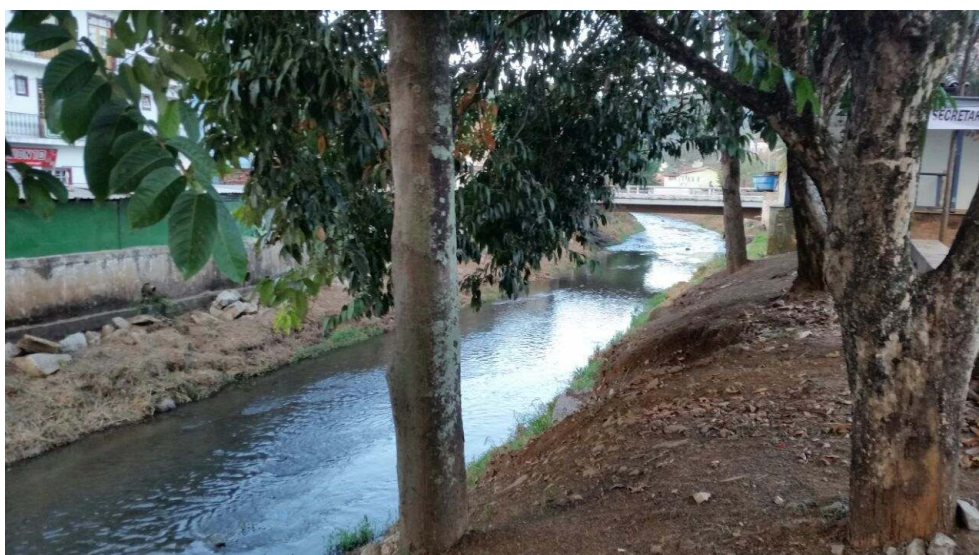
- 16 Neste mesmo local, percebemos que existia uma faixa, já rasgada, divulgando o contato da Secretaria Municipal de Defesa Social (Fig. 13), possivelmente fixada no pós-desastre ocorrido na cidade.

Figura 13 – Faixa de divulgação do contato da Secretaria Municipal de Defesa Social



- 17 Ao conversar com outros moradores, sentados ali por perto, conversas do cotidiano sobre o tempo e turismo na cidade, aproveitamos mais uma vez para saber sobre o rompimento da barragem de Fundão. Nenhum morador disse ter visto lama ou ido a algum lugar onde o desastre ocorreu. Além disso, mostravam um pequeno rio que corre na parte de trás do terminal turístico, geralmente referindo ao estado “normal” do curso d’água em Mariana (Fig. 14).

Figura 14 – Rio que corta da cidade de Mariana, utilizado como referência por alguns moradores



- 18 O final do dia foi dedicado à visita a outros pontos turísticos e alimentação, antes do nosso retorno, numa viagem de oito horas.

- 19 Desta forma, podemos observar que a cidade de Mariana em nada lembra as capas de jornais ou reportagens veiculadas na mídia, o que aparentemente demonstra certo grau de “normalidade”, ou seja, sem rastros visíveis da lama pelas ruas ou no discurso de seus moradores. No entanto, sabemos que diversos ribeirinhos ao longo de todo o Rio Doce, e mesmo em regiões próximas à cidade, ainda sofrem inúmeras consequências desta que foi considerada a maior tragédia ambiental ocorrida em nosso país.
-

BIBLIOGRAFIA

GEERTZ, C. 1999. “Os usos da diversidade”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, p.13-34, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2009. “Etnografia como prática e experiência”. *Horizontes Antropológicos*, n. 32, pp. 129-156.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2012. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.

LOMEU, Rafael. I Festival Internacional do Dia do Refugiado. *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 Julho 2016, consultado o 26 Junho 2017. URL: <http://pontourbe.revues.org/3181> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3181

AUTORES

RENATO AUGUSTO PASSOS

renatoapassos@usp.br

Biólogo. Doutorando em Saúde Global e Sustentabilidade pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP)

MARIA DA PENHA VASCONCELLOS

mpvascon@usp.br

Psicóloga social. Doutora em Saúde Pública e Professora da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP)